

Mergulho para dentro da neblina do passado e recorde mil lembranças de conversas e situações tão variadas que é difícil a escolha de saber por onde começar. Mas já que tanto o autor destas letras quanto o personagem real a ser interpretado e retratado são quânticos e possuem esta elasticidade do tempo-espaco poético, começo por um destes instantes de lembrança muito depois do nosso primeiro encontro em Londres. Era um céu estrelado de uma noite nordestina pelo interior do norte do grande estado da Bahia e enquanto a noite ardia em estrelas numa atmosfera de Luiz Gonzaga, eu e Gil conversando e discutindo a revolução francesa em seus mínimos detalhes revivendo-os com guilhotina e tudo, durante horas, enquanto o automóvel rodava estrada adentro na noite adiante, e o chofer do Gil que era o Gilberto também participando daquela assembléia da revolução, e cada um de nós era um dos personagens da revolução e naquela noite éramos jacobinos conspiradores reunidos em noturna conspiração.

.Discutíamos muito sobre o ser e as fronteiras da liberdade, da fraternidade e da igualdade. Eram apaixonados os debates entre a razão e paixão, entre o livre arbítrio e o determinismo Histórico. Entre os direitos humanos e a relação com Deus.

Aliás, em seu hino celestial Para falar com Deus, Gil expõe em estado magnífico a sua relação com o divino e com o Invisível.

E a reunião da junta de salvação pública só acabava quando avistávamos a cidade que nos aguardava, e eu fazia os dois Gilbertos rirem fazendo humor citando os nomes que eu mandaria para a guilhotina. Derepente Gil parava de rir e sorrindo dizia- mas voce sabe que eu sou contra a pena de morte de maneira total. E então Gil começava a citar O Marques de Sade que dentro da própria revolução francesa votou contra a pena de morte, em seguida estávamos situados em outra época e da Junta de Salvação pública fomos transportados para um comitê da revolução dos patriotas americanos porque Gil citava agora o pré-ecólogo fundador dos USA e pacifista elaborador e ativista das manifestações de desobediência civil Henri Thoreau, e é claro, depois falava de Thomas Jefferson e em Benjamin Franklin o cientista . E antes

de entrarmos na cidade que nos aguardava, nestes últimos minutos Gil discorria sobre Mahatma Gandhi e a sua relação com os filhos de Ghandi. Esta primeira lembrança data da época em que Gilberto Gil era vereador em Salvador e eu o seu chefe de gabinete, ou como eu próprio ironizava, era o seu anti-chefe de anti-gabinete.

Outra lembrança é a de uma tarde de chuva em São Paulo quando eu o Gil e o Nelson Jacobina fomos encontrar com o professor Mario Shemberg. O professor Mário Shemberg morava em uma casa de singelo jardim e de quartos enormes cheios de pinturas de diferentes estilos por toda parte. Eu já trabalhara com o professor no Partido Comunista desde 1962, e o episódio que estou narrando ocorreu na década dos oitenta. Gil e Mário Shemberg adoraram-se e conversaram como já se conhecessem há muito tempo. E neste ambiente cercado de pinturas não emolduradas conversávamos sobre mil assuntos. Eram horas de puro prazer de fruição intensa de arte e História, Brasil e suas artes imorredouras.

- professor Mário Shemberg era físico nuclear e discípulo de Albert Einstein, e era a pessoa à qual Albert Einstein se referia como sendo o único a poder concluir sua obra, e no entanto era tamanha a sua paixão pelo Brasil que preferiu ser político e militante do Partido Comunista do que concluir a obra einsteiniana.
- Mário Shemberg era profundo conhecedor de religiões da Índia, pré-socráticos, zen budismo, e é claro, de marxismo, o contemporâneo além de ser matemático e astro-físico e um dos raros e poucos que poderiam fabricar a bomba atômica nacional, coisa que ele era contra. Falávamos de muita coisa e entre elas a robotização Orwelliana do mundo, e aí eu citei Aldous Huxley com seu Admirável Mundo Novo e Gilberto Gil na sua composição – cérebro eletrônico. Em seguida Nelson Jacobina falou de música dodecafônica, Villa Llobet, bossa-nova, Beatles, Pitágoras e as vibrações da lira e o espaço. Em seguida Gil começou a falar sobre a África do Sul, a sua música e o seu regime opressor, todos começamos a falar sobre o assunto e eu me lembrei de um sonho-pesadelo que eu havia sonhado dias atrás e que se passava nos arredores da cidade do Cabo. De repente Mario Shemberg vira-se

para Gil e diz de súbito- Acho que está na hora, de voce Gil compor e gravar uma música para a libertação da Africa do sul, porque a sua participação na luta contra o Apartheid e pela libertação de Nelson Mandella é fundamental! Gil ficou maravilhado com aquele sorriso único e tão característico de sua pessoa, que é um misto de surpresa, alegria e doçura com sabedoria expressa em seus lábios, e assentiu fechando os olhos. Desta conversa e desta sugestão de Mário Shemberg surgiu a canção anti-apartheid que num trecho diz- Se o rei zulú já não pode andar nú, salve a batina do bispo tutú!

Não é atoa que a canção é dedicada a Mário Shemberg. Em seguida me vêm à lembrança cenas de shows anti-apartheid nos quais participamos com outros camaradas artistas tais como Beth Carvalho, Luis Melodia, Jards Macalé, Zezé Mota, e muitos outros. Foram muitos shows, e foram quase tantos como os que fizemos pela revolução Sandinista da Nicarágua. Em seguida dominando todas as outras cenas o ano de 1978, quando Gil gravou Woman no Cry de Bob Marley da qual fêz a versão em português, disco êste que as autoridades da linha dura quiseram proibir e censurar e quase o conseguiram, e que declaradamente renunciava a abertura democrática que veio logo a seguir. Amigos prêsos, amigos sumindo assim prá nunca mais!!!! No woman no cry!!!!